



O COMPORTAMENTO DE PESQUISAR NA NOVA CULTURA DO CAPITALISMO

Daniela Ravelli Cabrini (PIC/Uem); Carlos Eduardo Lopes (Orientador);
Carolina Laurenti (Co-orientadora); e-mail: danielaravelli.3@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, PR.

Área e Subárea: Ciências Humanas/ Psicologia

Palavras-chave: Flexibilidade, Produtivismo, Academia, Capitalismo, Comportamentalismo.

Resumo:

Analisando o sistema econômico em vigor, Sennett argumenta que, atualmente, vivemos na nova cultura do capitalismo, na qual está presente uma estrutura econômica flexível, que exige dos trabalhadores algo muito além de seus próprios limites, capacidades e concepções morais. Trata-se de uma organização sem visão de longo prazo, fixando os empregados nos dilemas do presente e em uma atividade de trabalho com tarefas inócuas e acrílicas. Na mesma direção, Waters analisa que esse modelo social tem adentrado na produção científica norte-americana levando ao produtivismo desenfreado e tornando o conteúdo científico acrílico e estático. Partindo dessas análises do contexto contemporâneo, esta pesquisa teve como objetivo analisar se o ensino do comportamento de pesquisar reproduz a nova cultura do capitalismo. Trata-se de uma pesquisa de natureza empírica exploratória, na qual foram entrevistados seis alunos de um dos pós-programas de graduação mais bem avaliados da Universidade Estadual de Maringá (UEM) no último triênio. Os resultados mostram que o comportamento de pesquisar é consistente com a nova cultura do capitalismo.

Introdução

Sennett (2009) analisa as transformações na estrutura do sistema econômico concluindo que elas inauguram uma nova cultura do capitalismo. Esse novo modelo econômico exige que os trabalhadores se comportem





para além de seus próprios limites. Isso porque nesse contexto difundem-se: práticas de reengenharia e fusão; metas de impossível cumprimento sem um modo claro de como proceder; atividades inócuas com tarefas ilegíveis; competição sem limite, mantida pelos grupos de trabalho ou pelo próprio trabalhador; e uma organização do tempo flexível, que impossibilita a liberação da atividade de trabalho. Essas condições de mudanças imprevisíveis e constantes desenvolveram um indivíduo sem identificação com o seu trabalho e incoerente por nunca saber ao certo para onde está caminhando. Algumas dessas características da nova cultura do capitalismo têm se reproduzido no contexto acadêmico norte-americano. Waters (2006) aponta que a lógica mercantil está em sincronia com a política de editoras científicas, ditando as regras para a produção acadêmica, e, por isso, instalando no ambiente universitário competições acirradas em busca de investimento financeiro. Isso tem transformado as publicações em “produções em séries”, próximas às da época fordista. Além disso, o conhecimento científico produzido tem um conteúdo pouco relevante e com baixa receptividade da própria comunidade científica (WATERS, 2006). Considerando esse cenário, este trabalho teve o objetivo de investigar se o comportamento de pesquisar na Universidade Estadual de Maringá também reproduz a nova cultura do capitalismo.

Materiais e métodos

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis alunos (P1, P2, P3, P4, P5 e P6) de um dos programas de pós-graduação mais bem avaliados da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no último triênio. As características da nova cultura do capitalismo descritas por Sennett (2009) foram operacionalizadas em termos comportamentais e empregadas na análise das entrevistas.

Resultados e Discussão

O comportamento de pesquisar é complexo, uma vez que envolve uma série de atividade entrelaçadas, tais como leitura, coleta de dados, análise dos dados, discussão, apresentação e publicação. Na estrutura da pós-graduação, a publicação estabeleceu-se como o produto de todas as atividades do comportamento de pesquisar, e por isso tende a ser considerada o único critério de avaliação para comportamento do cientista e do próprio programa de pós-graduação. No entanto, uma produção científica





consistente envolve um trabalho árduo e de longo prazo, o que, de um ponto de vista comportamental, ocorre quando eventos proximais controlam as ações do processo de pesquisa de forma natural, ou seja, que seguem “regularmente o responder” da ação (SKINNER, 1986). Desta forma, o ambiente acadêmico deveria oferecer condições para que os pesquisadores desfrutassem das consequências intrínsecas da própria ação de pesquisar.

Contudo, o contexto da pós-graduação estabelece um distanciamento da ação de pesquisar de suas consequências últimas. Assim, alguns aspectos da nova cultura do capitalismo discutidos por Sennett (2009) acabam controlando artificialmente o processo de pesquisar, como cumprimento de regras e o investimento financeiro, como reconhece P1: *“Minha motivação não foi científica... foi o conforto financeiro”*.

A pós-graduação é uma agência que planeja contingências provenientes da estrutura flexível vigente, fazendo com que o futuro pesquisador se submeta a metas de impossível cumprimento sem um modo claro de como proceder, adapte-se a mudanças constantes e imprevisíveis nos critérios de avaliação, além de uma pressão ininterrupta mesmo na ausência do orientador. Nestes termos a publicação é considerada *“... um processo meio doloroso porque existe uma exigência do programa para que publique cada vez em maior qualidade e quantidade”* (P2). Este contexto aversivo orienta a atividade de professores e de alunos diante da competição constante que impossibilita o pesquisador parar de agir em função dos objetivos impostos. Dessa forma, o pesquisador encontra-se constantemente insatisfeito com o seu próprio trabalho, sendo refém da sua própria produtividade: uma prática incentivada no contexto da pós-graduação porque o *“... país só é visto em número de pesquisas”* (P3).

Este cenário da pós-graduação tornou o processo de pesquisar e ensinar ausentes de sentido e função, exigindo um pensamento superficial para realizar uma tarefa considerada confusa pela falta de relação com suas consequências naturais. Isso ocorre porque ao mesmo tempo em que é exigida uma autonomia do pesquisador, as metas a serem cumpridas não são claramente definidas, caracterizando a tarefa como ilegível (SENNETT, 2009). Isso cria uma ruptura entre as atividades teóricas, desenvolvidas no contexto de disciplinas do programa, e atividades de pesquisa propriamente ditas.

O aluno-pesquisador inserido na nova cultura do capitalismo acaba apresentando uma falta de envolvimento com sua atividade de pesquisar, um sentimento de frustração e padrões comportamentais indesejáveis e incompatíveis com o comportamento de pesquisar como ansiedade,



FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Ciência, Tecnologia
e Ensino Superior



esgotamento e depressão: “... vários casos de depressão profunda, de pessoa que precisou de tratamento psiquiátrico, por conta de não saber lidar com a pressão” (P2).

Conclusões

As características da nova cultura do capitalismo presentes na estrutura de programas de pós-graduação produzem impactos na vida do pesquisador e em sua relação com a atividade de pesquisar. Embora seja inicialmente alimentado por critérios externos (CAPES), gradualmente isso tem se “naturalizado”, difundido a ideia de que só é possível pesquisar nessas condições e fazendo com que os próprios alunos mantenham a competição ininterruptamente. A universidade deveria estabelecer um contexto que permite o livre curso das ideias, assim como possibilitar que o pesquisador se dedique com abrangência e profundidade a um tema, o que só é possível quando o controle de sua atividade de pesquisar é estabelecido por consequências reforçadoras naturais (SKINNER, 1986). Além disso, deveria ser papel da universidade opor-se a sistemas sociais e econômicos injustos e que geram sofrimento desmedido e desnecessário. Nesse sentido, a reprodução da nova cultura do capitalismo na universidade, talvez seja um sinal de que ela tem sucumbido à irreflexão e que, portanto, não está cumprindo seu papel.

Agradecimentos

Ao Programa de Iniciação Científica da UEM.

Referências

SENETT, R. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14^o ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SKINNER, B. F. **What Is wrong with daily life in the Western World?** American Psychologist, Harvard University, v. 41, n. 5, p. 568-574, 1986.

WATERS, L. **Inimigos da esperança**: publicar, perecer e o eclipse da erudição. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.

